

Nos gramados do Sul: a Bahia e o Torneio do Centenário em 1922

HENRIQUE SENA DOS SANTOS*

Introdução

De caráter não conclusivo este texto tem como objetivo discutir como a participação e desempenho da Bahia no Torneio do Centenário em comemoração ao I Centenário da Independência do Brasil representaram para o Estado a reivindicação da participação baiana na construção de uma identidade nacional e a tentativa de recuperar uma centralidade no desenvolvimento nacional através do esporte.

Bem como a Semana de Arte Moderna naquele mesmo ano, o I Centenário de República oportunizou para o país refletir sobre sua identidade nacional e também repensar a sua inserção na modernidade. Na historiografia brasileira muito pouco se tem discutido sobre o I Centenário de República. Nesta produção predomina a análise sobre como os Estados de São Paulo e Rio de Janeiro relacionaram-se com o festejo. (MOTTA, 1992) Outra via bastante comum é uma discussão voltada para os aspectos simbólicos das comemorações considerando o Centenário como um momento de fortalecimento da Nação e dos seus mitos fundadores, ambos engendrados no processo da Independência. (SANDES, 2000) Embora relevantes, estas perspectivas deixam escapar interpretações preocupadas em analisar como outros Estados distantes do centro político do país se preocuparam em participar dos festejos do Centenário ou mesmo as possíveis tensões entre as identidades regionais escamoteadas no momento da celebração da identidade nacional. Diante de uma lacuna historiográfica, este texto busca recuperar as comemorações do I Centenário pensando-a na tensão estabelecida entre a Bahia que através do esporte desejava participar do evento e assim adquirir uma centralidade no processo de construção e consolidação de uma identidade nacional e as tentativas da Confederação Brasileira de Desportos em restringir e prejudicar a participação do Norte no torneio revogando para si a elaboração de uma identidade nacional regionalmente localizada através do futebol.

Este debate foi possível principalmente através das notícias veiculadas pela revista *Semana Esportiva*, principal do gênero na Bahia, sobre a presença do Estado no

* Mestrando em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Membro do Sport: Laboratório de História do Esporte da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista do Fundo de Amparo à Pesquisa da Bahia.

Torneio do Centenário e como a Confederação Brasileira de Desportos o organizou. Tratou-se de um certame futebolístico realizado no Rio de Janeiro em agosto de 1922 em comemoração I Centenário da República. A competição envolveria partidas entre os Estados da federação que eram confederados a CBD. Após eliminatórias regionais, os seus respectivos vencedores se reuniram para a disputa dos jogos finais na capital da República.

O envolvimento do futebol nos festejos aponta para como o esporte, já na década de 1920, adquiria um potencial fomentador de identidades mais amplas. (PEREIRA, 2000) Além disso, a veiculação do futebol e de outros esportes, presentes através das Olimpíadas do Centenário, vai ao encontro do contexto pós-primeira guerra em que os esportes estavam inseridos: uma atividade em que o seu ativo desenvolvimento indicava o progresso social e, sobretudo, físico dos seus praticantes. (SEVCENKO, 1992)

A participação da Bahia e a desistência de outros estados do Norte foram marcadas por tentativas da CBD em restringir ou prejudicar a participação do Norte na competição. Diante da postura da entidade máxima dos esportes brasileiros e a preocupação da Bahia em ter um espaço legítimo na ideia de Nação que se fortalecia, o intuito é perceber como no Torneio do Centenário e no I Centenário da República a tentativa de fortalecimento da identidade nacional através do futebol ainda era profundamente marcada por tensões regionais que historicamente constituíram a própria ideia de Nação brasileira.

Os antecedentes da festa

Nos meses que antecederam a competição foram encontradas muitas referências na imprensa baiana sobre a participação da Bahia no certame. Sobretudo em opiniões de jornalistas na forma de colunas e editoriais, a imprensa especializada constantemente tecia comentários sobre a importância da participação da Bahia no torneio.

Na Bahia, o futebol foi introduzido pelas elites em 1901. (SANTOS, 2010) No entanto, apenas em 1920 é que o esporte alcança um desenvolvimento estrutural considerável quando os clubes se estruturam com a construção de grandes sedes, bem com a associação de muitos sócios. Além disso, a principal liga de futebol contava com vários clubes distribuídos em duas divisões. Finalmente, também foi em 1920 que a

principal praça esportiva de Salvador foi construída. Até então as partidas em Salvador eram realizadas em campos adaptados e principalmente em praças da cidade onde sequer tinham gramado. A construção do estádio Campo da Graça dinamizou o futebol da cidade que naquele momento já não era uma prática exclusiva das elites, mas das classes médias e populares. (SANTOS, 2011)

Enfim, é no contexto de ascensão do desenvolvimento do futebol baiano associado à ideia de que os esportes, sobretudo após a primeira guerra, oportunizavam para os seus praticantes o progresso físico e social é que principalmente a imprensa e os intelectuais baianos passaram a entender a importância do futebol e dos esportes no desenvolvimento do Estado. Parecia ser imprescindível que a Bahia participasse do Torneio do Centenário. Realizado em prol das comemorações do Centenário da República enquanto uma demonstração do progresso físico e social do Brasil que se pretendia ser, a imprensa esportiva baiana via como fundamental a presença do Estado no torneio, numa tentativa de demonstrar que através do esporte a Bahia acompanhava o progresso do país.

Um ano antes, em 1921, os jornais já se preocupavam como a Liga Bahiana de Desportos Terrestres, a LBDT, responsável pelo futebol baiano, organizaria uma seleção para a disputa do Torneio do Centenário. Um editorial da revista *Semana Esportiva*, por exemplo, queixava-se com o fato da LBDT ainda não ter organizado treinos, seleções e preparações. Segundo o editorial, o que deveria ser feito “para o renome da Bahia, se se pretende tomar parte nas festas do Centenário, é, desde já, intensificar os treinamentos e submeter de quando em quando, os selecionados até a época de serem realizadas as aludidas festas.”¹ Sobre o descaso da LBDT a revista finalizava com uma espécie de conclamação:

*É tempo, senhores, de sairmos deste caos a que nos temos condenados.
Não é possível, depois de sermos os primeiros em tudo neste grande país,
retrogradarmos até a nulidade.
E para chegarmos ao que fomos é preciso que nos unamos fraternalmente, que os
baianos formem um só corpo, pulsando neste grande coração a grandeza da Bahia.
E para chegarmos ao que já fomos é tão grande o contágio das suas contorções e
delírios que nivela as multidões todos fundidos numa só alma. Unidos firmaremos
num único pensamento elevar o nome da nossa querida Bahia com a presunção
única de sermos os primeiros entre os primeiros e seremos
À postos!*²

¹ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 9, 8 de junho de 1921, p. 3.

² Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 9, 8 de junho de 1921, p. 3.

A notícia do editorial ocorre em uma data em que faltava mais de um ano para a realização do torneio o que revela a dimensão que o torneio naquela altura adquiria para os baianos. De certo modo, com o advento da república ocorreu um a perda de prestígio do Estado em decorrência dos rearranjos políticos onde novos grupos regionais ascenderam no plano nacional. (LEITE, 2005) Neste sentido, através de uma operação de identidade na qual se procurava proferir um discurso historicamente constituído no heroísmo dos baianos ou nas grandezas da terra há uma tentativa, sobretudo entre as elites baianas, de recuperação da centralidade da Bahia no país, de modo que a participação no torneio do Centenário seria ideal para as pretensões das elites baianas.

Devido aos contornos que o torneio adquiria para a Bahia, não só a imprensa queixava-se da relativa falta de iniciativa da LBDT em organizar treinamentos e seleções visando o Torneio do Centenário. Muitas vezes os jornais e a *Semana Esportiva* ofereciam em suas páginas um espaço para cartas, sugestões e opiniões de leitores. Não raramente foi possível encontrar cartas de leitores que versavam sobre a participação da Bahia na festa esportiva do Centenário. Como de costume, uma opinião de um leitor, que merece destaque, criticava desta vez a postura não só a entidade gestora do futebol baiano, mas principalmente dos clubes e ela filiados:

E a Bahia?

Onde nasceu esse colosso que se chama Brasil, sofrendo do mal que contamina este gigante, deixa-se estar nesta astenia, nesta morbidez atroz.

Se nos fosse pedido o diagnóstico apontávamos para a nata que, ao em vez de ser, o elemento puro socialmente falando, é, no entanto, o resultado da fermentação os resíduos, a causa do atavismo da nossa evolução, pelos defeitos adquiridos da mania de supremacia, da diferença que quer ter dos da mesma família.

Falta unicamente dos que dirigem os esportes que, em vez de procurarem influir, animar, organizar, vivem unicamente a se preocuparem com questões sem importância, caprichos banais e nada mais.³

Este tipo de crítica foi recorrente uma vez que na Bahia, embora o futebol fosse praticado não só pelas elites, existiam tensões quanto à presença e participação de negros e populares nos clubes e a na própria Liga. A sugestão do leitor é que estes conflitos sejam postos de lado em prol de um bem maior. Tal posicionamento parece diferir da postura da CBD que naquele período, quando escalava a seleção brasileira, proibia a participação de negros, preferindo um time tecnicamente inferior, porém branco. (PEREIRA, 2000)

³ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 50, 18 de março de 1922, p. 09.

É possível inferir que tamanha insatisfação com a falta de organização da LBDT para com o Torneio do Centenário esteja ligada ao fato de que os outros Estados já estavam se organizando e se preparando para os festejos. No esporte, as comemorações envolveriam não só a disputa de um campeonato de futebol, mas também das Olimpíadas do Centenário nas quais seriam disputadas uma série de atividades atléticas, náuticas, entre outras. Em dezembro de 1921 algumas competições atléticas seriam realizadas como ensaio para as Olimpíadas do Centenário. Para estas competições se inscreveram entidades esportivas do Rio de Janeiro, do Exército, da Marinha, São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo e Santos. Mais uma vez, a ausência da Bahia não passou despercebida pela imprensa.

E a Bahia?

A nossa liga não recebeu da Confederação, prospectos e regulamentos das Olimpíadas?

Não ordenou que nos dias 14 de julho e 7 de setembro não fossem realizados matches de foot-ball a fim de ser feita a eliminatória dos atletas baianos que desejam comparecer na Olimpíada?

E o que fez a Liga?

*Nada. Não ligou importância a ordem da Confederação!*⁴

Ao contrário da opinião do leitor que atribuía a responsabilidade da desorganização ao descaso aos clubes, a crítica novamente recaía sobre a entidade máxima do futebol baiano, uma vez que os clubes que “desejavam preparar os seus atletas para as Olimpíadas, viram-se forçados a desistir visto o pouco caso ou nenhum da Liga Bahiana, que criminosamente até a presente data nada fez nem fará. É o cúmulo! Pobre Bahia! Infeliz terra!”

Quando não eram os Estados do Sudeste que se organizavam para as competições a serem realizadas no Rio de Janeiro, eram os Estados do Norte, os regionalmente mais próximos da Bahia, que se preparavam com afinco para as festas do Centenário. No Norte do país, segundo a imprensa especializada, o Pará, Pernambuco e a Bahia, no que diz respeito ao esporte, eram os Estados mais organizados, pois na década de 1920 contavam com praças esportivas, clubes e entidades esportivas como Ligas de futebol e remo. Além disso, ao que parece, eram os únicos da região a serem confederados. De acordo com a imprensa esportiva baiana, destes três Estados, a Bahia era a mais atrasada no quesito da organização para as festas do Centenário. Pela leitura

⁴ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 37, 17 dezembro de 1921, p. 13.

de algumas notícias a respeito dos preparativos dos Estados do Norte, é clara a insatisfação em ver os Estados mais próximos se organizarem e a Bahia não. Enfim, ver os vizinhos, que no esporte pareciam se encontrar no mesmo grau, preparando-se para o Centenário soava como inaceitável para os baianos com suas tradições de serem os primeiros em tudo. Noticiando os preparativos do Pará, mais uma vez a revista *Semana Esportiva* não deixou de alfinetar as LBDT ao afirmar que a “nossa entidade máxima, com sua luta de competições, de rivalidades estéreis, não dá o brado para o nosso despertar.”⁵ Antes de finalizar a notícia com uma transcrição de um jornal maranhense que relatava o quanto os treinamentos dos paraenses para as Olimpíadas do Centenário estavam adiantados, ainda há tempo para a revista mais uma vez conclamar os baianos: “Mais será possível que fiquemos nessa filosofia vergonhosa de nossa falência física? Baianos: acompanhemos com ardor os nossos irmãos do Norte e vamos pelas Olimpíadas disputar com os sulistas a nossa superioridade nos jogos desportivos.”

Para além do desinteresse ora da LBDT, ora dos clubes e de seus filiados em se preparar para os festejos esportivos, as próprias fontes nos possibilitaram abrir outra linha interpretativa para a falta de planejamento e organização da Bahia esportiva para as festas do Centenário: o descaso e desinteresse da própria CBD para com os Estados do Norte. Uma entrevista encontrada na *Semana Esportiva* é bastante sintomática sobre como a CBD tratava os Estados nortistas sobre os assuntos do Centenário. Em nome de Amado Coutinho, jornalista do *Diário de Notícias* de Salvador e membro da Associação de Cronistas Desportivos da Bahia, o jornalista baiano D’Almeida Cavalcanti conseguiu uma entrevista com *sportmen* Professor Reymar que no Rio de Janeiro travava um ferrenho debate com o jornal carioca *O Esporte* sobre a presença do esporte e do Norte nas festas do Centenário. Segue trechos da entrevista:

Reymar - É minha opinião que todo o Brasil esportivo comemore ao lado de todas as instituições o Centenário de nossa independência.

D’Almeida - Como: não é todo Brasil esportivo? Há exceções de Estados?

Reymar - Sim: porque o Brasil não é só o Rio de Janeiro e São Paulo, os outros que me consta, vão concorrer a convite da CDB. O Brasil são vinte e um Estados, um Distrito e um território, o do Acre.

D’Almeida - Perfeitamente, pensa muito acertadamente.

*Reymar - Portanto, se assim é o Brasil, porque a Confederação Brasileira de Desportos não leva aos seus alcances diretrizes de cultura física, reunindo nos jogos do Centenário o Brasil inteiro?*⁶

⁵ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 54, 15 de abril de 1922, p. 15.

⁶ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 54, 15 de abril de 1922, p. 07.

Continuando a entrevista, o *sportmen* Reymar afirma que é de conhecimento de todos no Rio de Janeiro a existência na Bahia de um centro de cultura física dirigido por Jayme Ferreira. Diante disso, perguntado por D’Almeida porque não ocorreu uma adesão deste centro pela CBD para a disputa das Olimpíadas do Centenário, Reymar respondeu que “simplesmente a orientação da CBD não chegou ainda até aquele Estado.” Diante da negligência da entidade máxima dos esportes brasileiros para com o esporte baiano, é possível inferir que muitas vezes a vontade dos dirigentes esportivos baianos esbarrava na “despropositada” inabilidade da CBD em pensar uma política esportiva efetivamente nacional. Reymar considerava que se houvesse o convite da CBD não só a Bahia como ao Ceará “que, por sua vez, possui bons clubes esportivos e um ótimo centro de Cultura física, tanto um como outro não se recusariam ao convite assim lhes fosse proporcionado os elementos e garantias necessárias.”⁷ Ao final, o professor/*sportmen* defende que “o Brasil não é só o Rio de Janeiro e São Paulo, é também a Bahia, Ceará, Pernambuco, enfim são todos os territórios da Federação Brasileira.” Caso a afirmação de Reymar de que não houve uma adesão do centro de cultura física baiano às Olimpíadas do Centenário seja verdadeira, talvez a crítica da *Semana Esportiva* em dezembro de 1921 não teria procedência uma vez que as orientações para enviarem atletas para os treinamentos das Olimpíadas não teriam chegado. Enfim, entre o descaso da LBDT e a desorganização dos clubes e dirigentes baianos, existia o menosprezo da CBD para com o Norte que muitas vezes poderia esfriar os ânimos dos esportistas baianos.

Diante da relação da CBD para com o Norte, aquela altura já bastante explícita nas rodas esportivas, uma alternativa foi pensada para se comemorar o Centenário: a criação de um programa esportivo, o Campeonato do Norte, exclusivamente organizado para os Estados daquela região. A iniciativa coube a Liga Pernambucana de Desportos Terrestres na figura de um dos seus membros Renato Silveira. Em entrevista concedida ao jornal *Diário da Bahia* um *sportmen* pernambucano, Cícero Mello, afirmou que a ideia do Campeonato do Norte surge por conta dos desacertos da CBD com as Ligas do Norte:

⁷ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 54, 15 de abril de 1922, p. 07.

*Parece-me coisa problemática, mesmo irrealizável, a ida dos elementos do Norte às provas Olímpicas do Centenário. Não é de hoje o pouco interesse que a Confederação manifesta pela nossa vida desportiva. Precisamos reagir contra esse descaso, mostrando a mentora dos desportos nacionais que o Norte tem atletas em condições de competir com os do Sul da República.*⁸

Perguntado sobre o teor do projeto, Cícero respondeu que “além das provas atléticas simples, haverá campeonatos parciais de foot-ball, lawn-tenis, water-polo, remo, natação, ping-pong e críquete.” Por fim, salientou que “participarão desse campeonato todas as ligas confederadas desde o Amazonas à Bahia.” A possibilidade de um torneio envolvendo somente os Estados do Norte foi bem aceita pela imprensa baiana. No entanto, não se pode dizer o mesmo em relação aos dirigentes baianos. Em 12 de agosto de 1922 uma notícia do *Jornal Pequeno* de Recife, transcrita pela *Semana Esportiva* informava que “das Ligas dos Estados do Norte, convidadas por meio de telegramas, a comissão central já recebeu adesões das do Pará, Maranhão e Rio Grande do Norte.”⁹ Sobre os outros Estados o jornal informava que as “Ligas Amazonense, Piauiense, Cearense e Alagoana, até a presente data não responderam os convites feitos pela nossa entidade máxima esportiva. A Liga Bahiana, em resposta ao convite pela LPDT, declarou não poder tomar parte nas referidas festas.” A decisão da entidade baiana, embora conhecida por nós naquela data, revela um comportamento já esperado pela imprensa esportiva baiana. Alguns meses atrás, em 08 de abril de 1922, a *Semana Esportiva*, falando sobre a ideia do Campeonato do Norte, já adiantava sobre qual seria a atitude dos dirigentes esportivos locais diante da iniciativa de Pernambuco:

A compreensão do esporte pela Liga Bahiana comparativamente com os núcleos de outros Estados muito nos deixa a desejar. Todos trabalham pelo alevantamento de seu Estado, procurando cada qual ter a supremacia no esporte.

*Enquanto a Liga Bahiana estrangula o desenvolvimento esportivo, procurando a todo transe restringir, sem se incomodar com a sua representação nas festas do Centenário e tão pouco promover festas para o Dois de julho nem do ano corrente nem do vindouro, Pernambuco envia esforços, não só para festejar o Centenário, como sentido com o descaso da Confederação Brasileira, procura organizar o Campeonato do Norte.*¹⁰

O interesse da *Semana Esportiva* pela participação da Bahia no Campeonato do Norte vai ao encontro das intenções da Liga Pernambucana, uma vez que para a revista

⁸ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 47, 25 de fevereiro de 1922, p. 12.

⁹ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 71, 12 de agosto de 1922, p. 09.

¹⁰ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 53, 08 de abril de 1922, p. 09.

“é preciso que o Norte dê sinal de que vive, para isso é preciso que haja unidade, tino e força.” Neste sentido, a comemoração do Centenário passava necessariamente pela demonstração do progresso esportivo do Norte. Se para isso, diante do descaso da CBD, fosse necessária a criação de um Campeonato do Norte, este não seria um problema. Todavia, ao contrário da imprensa baiana, este pensamento parecia não estar tão claro na mente dos dirigentes baianos. A própria despreocupação em fomentar um evento esportivo para o dois de julho, a data cívica máxima da Bahia, revela que nem sempre desinteresse da CBD pelo Norte era o motivo do comodismo.

Além da não participação da Bahia no Campeonato do Norte, não sabemos ao certo se este torneio chegou a realmente existir. Pelo menos nos jornais e periódicos baianos não foram encontradas notícias ou evidências sobre a efetiva realização deste evento. Na *Semana Esportiva*, uma notícia transcrita do *Jornal do Recife* informava que o projeto do Campeonato do Norte aprovado pela Liga Pernambucana “deverá ser submetido ao estudo da Confederação afim de que se pronuncie e dê a necessária autorização para que o desporto de Pernambuco fique com os poderes de organizar o programa.”¹¹ É provável que o projeto tenha sido aprovado e as entidades esportivas do Norte não conseguiram organizar delegações para a disputa das competições, ou a própria CBD não tenha aprovado o projeto. Entretanto, independente da sua existência, uma iniciativa desta proporção representava a possibilidade do Norte em contrapor a gradativa tentativa da CBD em assumir o controle do esporte nacional e não se preocupar com uma política esportiva que de fato contemplasse as demandas nacionais.

O Torneio do Centenário e suas consequências

Embora não saibamos se o Campeonato do Norte existiu, é fato que nem Recife e nem o Pará participaram do Torneio do Centenário organizado pela CBD. A parte principal desta competição ocorreria no Rio de Janeiro. Antes disso seriam realizadas eliminatórias regionais entre as Ligas. A vaga do Norte seria decidida no dia 23 de julho de 1922. O vencedor de Recife e Pará enfrentaria a Bahia na decisão da vaga. Segundo paraenses e pernambucanos, devido a negligência da CBD em planejar datas das eliminatórias que contemplassem os calendários dos dois Estados, aqueles

¹¹ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 53, 08 de abril de 1922, p. 09.

deixaram de participar das eliminatórias e assim coube a Bahia representar o Norte do país nas festas do Centenário.

Na verdade, segundo o *Jornal Pequeno* de Recife em notícia transcrita pela *Semana Esportiva*, o problema das datas é que os jogos eliminatórios na Bahia foram marcados com 15 dias de antecedência. Durante este tempo, Pernambuco e Pará deveriam jogar uma partida em Recife e o vencedor desse jogo ainda iria para a Bahia para a partida final contra os anfitriões na decisão da vaga do Norte. Logo se vê o pouco tempo para a organização dos Estados. Para o jornal:

*A CBD o que praticava naquele momento nada mais era do que dar uma esperança aos nortistas de que ela se interessava pelos seus desportos. Marcava com 15 dias de antecedência, antes o primeiro encontro eliminatório para Pernambuco, devendo durante este lapso de tempo as nossas forças se prepararem para a referida prova e os paraenses organizarem seu quadro e embarcá-lo para Recife!!! Tudo isso vem provar a boa vontade da mão das ligas nortistas!...*¹²

Diante do problema do calendário, houve a tentativa de adiar o primeiro encontro. Recife e Pará desejavam que a partida entre eles fosse realizada no dia 23 de julho, para então o vencedor desta jogasse com a Bahia em outra oportunidade. A questão é que no dia 23 todos os jogos eliminatórios seriam realizados. A Liga paraense “que se atrevera a fazer este pedido, incontinentemente, teve a desventura de receber um respeitável não com toda a solenidade.” Aos pernambucanos também foi dito um não quanto ao adiamento dos jogos. Com isso restou às ligas abandonarem a competição. Quanto à Bahia, o *Jornal Pequeno* acreditou que “a boa terra tradicional, nada pôde fazer, pois isolada como está em absoluto não irá ao Rio bater-se com os sulistas, representando o norte do país.” Devido estas circunstâncias restou ao jornal de Recife a costumeira crítica a CBD:

*E assim, mais uma vez ficou provado, que a Confederação Brasileira de Desportos não desmentindo a sua opulenta trajetória somente deseja do norte os níqueis anuais e que o resto dos cultores dos desportos que vão plantar batatas. É que a CBD ainda continua com a mania de aproveitar as ocasiões oportunas para pilheriar com as Ligas desportivas do Norte.*¹³

Porém, ao contrário do que pensava o *Jornal Pequeno*, a Bahia não deixaria de participar do torneio. Segundo a *Semana Esportiva*, enganado “andou o cronista pernambucano acreditando que a Bahia desportiva não tomasse parte no grande certame

¹² Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 68, 22 de julho de 1922, p. 10.

¹³ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 68, 22 de julho de 1922, p. 10.

brasileiro. Não nos faltaria o brio necessário para transpor todos os obstáculos, todos os empecilhos postos no nosso caminho.”

Não é difícil imaginar porque a Bahia não deixou de participar do Torneio do Centenário. Aos baianos restavam esperar o dia 23 para enfrentar Pernambuco ou Pará, jogando nos seus domínios. Para serem os representantes do Norte, os paraenses, por exemplo, teriam que, em 15 dias, ir ao Recife e caso vencessem os anfitriões, ainda se deslocariam para Salvador no duelo final com os baianos. De fato, a situação da Bahia era mais cômoda e menos dispendiosa. Além disso, pelo visto, os baianos já estavam se preparando há mais tempo para o torneio. Inclusive, é possível imaginar que a Bahia tenha desistido do futuro Campeonato do Norte em virtude de uma melhor preparação para o torneio do Centenário. Embora, assim como as delegações paraense e pernambucana, a Bahia tenha recebido ofício da CBD no dia 8 de julho, portanto com 15 dias de antecedência, desde 1921 já é possível encontrar na imprensa notícias sobre a necessidade do Estado em se preparar para o Torneio do Centenário. No intervalo entre o recebimento do ofício e a realização dos jogos, uma boa quantidade de notícias foi encontrada sobre como a Bahia deveria se organizar para o torneio. Sobre quais jogadores deveriam compor a seleção, um editorial da *Semana Esportiva* acreditava que “não é mister que os clubes todos contribuam. Os que não estiverem à altura de fazê-lo, que se retraiam, embora se não recusem a prestar o concurso do seu apoio e estímulo dos seus aplausos à idéia que for vitoriosa.”¹⁴ Finalmente, a revista afirmava que “nada de política! Tudo de orientação e amor às tradições esportivas da Bahia! Tudo por evitar que as glórias dos nossos dias desapareçam no torvelinho das preterições (sic) ou preferências prejudiciais.” Além disso, a revista também palpitava sobre a possível escalação do time, além de oferecer espaço em suas páginas para leitores que desejassem sugerir a escalação ideal.

Com circunstâncias favoráveis a participação da Bahia no torneio e uma imprensa que buscando resgatar as tradições heroicas baianas constantemente insistia na presença do Estado nos festejos do Centenário, a LBDT enviou os seus jogadores ao Rio de Janeiro. Até mesmo uma festa de despedida foi organizada no Campo da Graça.

Embora a imprensa fosse favorável à ida da Bahia ao Rio de Janeiro, aquela e os próprios esportistas baianos não acreditavam muito no sucesso do Estado. Para a

¹⁴ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 66, 08 de julho de 1922, p. 03.

Semana Esportiva, os dirigentes baianos “não confiarão no nosso triunfo sobre qualquer das equipes com que nos defrontaremos. Mas, a certeza lhe ficará de que não pouparão esforços para dizermos, no coração do Brasil, aos campeões da bola, que aqui há organização.”¹⁵ Para os baianos, essa opinião encontrava respaldo nos adversários que o Estado iria enfrentar: Rio de Janeiro, Distrito Federal, Rio Grande do Sul e São Paulo. Acreditavam os baianos que os rivais, sobretudo os cariocas e paulistas, eram os mestres do futebol brasileiro. A própria *Semana Esportiva* duvidava da “nossa vitória, sabido que os nossos irmãos cariocas são os senhores do esporte bretão.” Certamente a derrota era inevitável.

No entanto, ocorreram muitas surpresas agradáveis. A primeira partida dos baianos foi contra o Rio de Janeiro, que juntamente com São Paulo, era o favorito ao título. Marcada para um domingo, 02 de agosto, a partida foi antecipada para 30 de junho, irritando os baianos que chegaram no dia 29. Um empate por dois gols acabou frustrando os cariocas que tinham como certa a vitória contra a Bahia. Por sua vez, para imprensa baiana, o empate representou mais que uma vitória. Destinando várias páginas para o grande acontecimento, a *Semana Esportiva* estampava: “Salve gloriosos conterrâneos: o empate de domingo valeu para nós uma admirável vitória.”¹⁶ Em seguida o periódico tecia análise sobre o significado daquele empate:

Mais do que a nós, baianos, infinitamente mais, o empate de domingo, no estádio do Flamengo, deve ter surpreendido aos cariocas.

Que ideia poderiam eles fazer de nós, então a de que éramos uns principiantes, apalpando agora o terreno que eles já pisavam firmes e conscientes?

(...) Mas os nossos guardavam em segredo, no escrínio da nossa abençoada modéstia de desprezados nortistas, as reservas do progresso e grandeza de que demos mostras às vistas, que se diriam duvidosas de que fosse verdade o que viam mais de 32.000 pessoas.

(...) Vivemos neste momento a grandeza desse feito e a lição inapreciável que ele representa para nós. Convençamo-nos de que na Bahia há valor, há heroísmo. A Bahia é desprezada porque nós nos encerramos aqui dentro, calados e obstinados a escurecer o que é nosso. Escapamos ao espírito ávido de aplaudir a grandeza do vizinho, a necessidade de levantar bem alto o nosso nome inconfundivelmente em todas as esferas.

A Bahia acompanha o progresso do Brasil e os seus filhos não a honram somente aqui. No coração do Brasil eles sabem dizer como agora disseram a que a nossa terra é grande entre as maiores.

*Ave, irmão, que tão alto levantastes o nome da Bahia!*¹⁷

¹⁵ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 69, 29 de julho de 1922, p. 03.

¹⁶ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 70, 05 de agosto de 1922, p. 07.

¹⁷ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 70, 05 de agosto de 1922, p. 07 – 08.

A nota é bastante sintomática sobre o sentimento dos baianos em relação ao empate com os cariocas. Mesmo preocupados em escurecer o que era deles, existia uma vontade insuperável de mostrar para o Brasil que a Bahia não estava adormecida ou vivendo de suas glórias do passado. O Estado acompanhava o progresso do país e, portanto, deveria ser reconhecido, como sempre foi, enquanto um Estado pujante e fundamental para o crescimento do Brasil. Em Salvador o resultado foi muito festejado. “Quando foi anunciado o *score* de 2x2 o povo delirou. Palmas e vivas estrepitosos ecoaram, vendo-se chapéus nos ares. Uns se abraçavam com os outros, numa demonstração de intensa alegria.”¹⁸

Após o grande resultado contra os cariocas, a Bahia ainda venceu os fluminenses representando o distrito federal e o Rio Grande do Sul. Finalmente, enfrentou São Paulo e obteve a sua única derrota pelo placar de 3x0. Diante das vitórias contra os fluminenses e gaúchos, a imprensa não tardou em elogiar o selecionado baiano sempre exaltando em seus textos as tradições heroicas baianas. No triunfo sobre os gaúchos, a *Semana Esportiva* declarou que “o entusiasmo transborda do íntimo para essa exclamação de triunfo: Viva a Bahia! Viva a Bahia, sim a terra heróica em todos os tempos! Viva a Bahia! Sim, a gloriosa de sempre!”¹⁹ Até mesmo a derrota contra os paulistas foi minimizada, afinal São Paulo contava com o principal jogador do Brasil, Artur Friedenreich.

Terminada a missão vitoriosa no Sul, rapidamente a imprensa tratou da recepção aos jogadores baianos. Embora seja longo, vale a pena ler trechos de um editorial da *Semana Esportiva* que resumia o significado da campanha esportiva no Sul para os baianos:

*Aí vêm eles, os triunfadores! Já vêm eles, o que partiram sob as atmosferas de presságios, de maus presságios. Já vêm eles, os que, surpreendendo mesmo a nós que os conhecemos, souberam tirar da fonte inexaurível de reservas, que só possuem os heróis, os recursos assombrosos de energia e resistência que esta hora os sagram aos nossos olhos.
(...) Marcharam para a derrota, tanto os amedrontaram os pregoeiros da fama dos nossos irmãos do Sul e voltam laureados!
Não são uma legião de soldados que voltam de abater o inimigo, à sombra poderosa do pavilhão pátrio, esses que a Bahia estreitará dentro em pouco nos seus braços de mãe amantíssima.*

¹⁸ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 70, 05 de agosto de 1922, p. 10.

¹⁹ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 71, 12 de agosto de 1922, p. 10.

Isso eles provaram que serão amanhã, no momento que Deus os afaste dos nossos horizontes, em que se lhes reclamarem os serviços de patriotas educados na escola sã da cultura física.

Eles voltam de um certame onde se empenharam com irmãos, que falam a mesma língua e vivem sob o fulgor do mesmo céu.

Mas, há um ponto que obriga a por em relevo a significação das vitórias alcançadas.

É injustamente a propalada supremacia do Sul sobre o Norte!

Nisso, no adeantamento da cultura física, no foot-ball, nós éramos tidos como afamados campeões de aldeia. Desmentiram-se os interessados nessa propaganda.

(...) Como os receberemos nós? O futuro não nos perdoaria pelas vozes das outras mocidades que se vão formando a nossa indiferença à passagem dos que nos souberam elevar e engrandecer!

Eles aí vêm! Que todos convirjam para um só fim: o brilho da sagração!²⁰

De maneira explícita, o editorial entende como a campanha da Bahia no Sul é um demonstrativo da força e grandeza histórica dos baianos e de como estas não poderiam ser desperdiçadas pelo país em detrimento de uma injusta propalada supremacia do Sul sobre o Norte. Em outras palavras, o bom desempenho dos baianos no esporte é um indicativo de que não só o Sul da República é capaz de conduzir o Brasil rumo ao progresso físico e social. Enfim, as vitórias da Bahia traduzem a necessidade dos baianos em serem justamente reconhecidos e terem por meio do esporte um espaço legítimo nos destinos da Nação, como, segundos os próprios, sempre tiveram em outros momentos da História do Brasil.

Como não poderia deixar de ser, a recepção aos jogadores foi bastante calorosa. Um extenso programa foi organizado. Retornando no dia 20 de agosto, a festa de recepção envolveria um préstito constituído pela “1º Banda de Música Militar, automóveis com os jogadores, automóveis da Liga Bahiana, e da Federação de Regatas, automóveis com os clubes da Liga, automóveis da imprensa e autoridades e bandas de música e o povo.”²¹ O préstito, que passaria pelas principais ruas e avenidas da cidade, teria o seu itinerário encerrado no Campo da Graça após os jogadores receberem homenagens diversas.

Todavia, nem tudo eram flores. Apesar do clima festivo, a imprensa não deixou de criticar a postura da CBD pela forma como conduziu o torneio. Ainda antes dos jogadores chegarem, a *Semana Esportiva* novamente ressaltava as qualidades da Bahia

²⁰ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 71, 12 de agosto de 1922, p. 03.

²¹ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 72, 19 de agosto de 1922, p. 12.

dando as boas vindas aos jogadores sem, no entanto, esquecer-se do descaso da entidade máxima brasileira:

Engalana-te, oh! Bahia, para receber em teus braços carinhosos os filhos estremecidos que tanto elevaram o teu nome, sabendo honrar as tuas tradições.

Com o coração a palpitar, a Bahia acompanhou os lances empolgantes deste scratch vencedor, com os olhos d'alma fitos em todos os movimentos desta embaixada que se glorificava.

Desprezando por completo a ação despeitada da Confederação, convertendo o campeonato em treinos quando ganhávamos, ora contando pontos, ora classificando de mero ensaio e prova de seleção, modificando datas, alterando o número de partidas, obrigando a jogarem com o quadro desfalcado e jogadores doentes, esta foi a primeira recepção à embaixada ao chegar ao Rio, e tudo isto para não levarmos a vitória que tão galhardamente obtivemos.

E agora que a embaixada regressa triunfadora e a Bahia, que ainda sente os estremecimentos de suas emoções com os braços abertos recebe forasteiros, a seus filhos gloriosos engalanados, com toda efusão d'alma em delírio de contentamento, recebe-os vitoriosos – parodiando Roma, ao receber os seus generais – à nossa embaixada conquistadora de glórias a Bahia beija-lhes as fronteiras, cingindo-as de loiros. Estão glorificados.

E sejam bem vindos ao seio amorável da idolatrada Bahia.

*Salve, campeões!*²²

Além dessas críticas, a *Semana Esportiva*, em tom denúncia, ainda lembrou que o descaso da CBD pela Bahia se revelou até no transporte oferecido aos baianos para o retorno a Salvador. De acordo com a revista, “atiraram os nossos *players* para os camarotes ingratos de um dos piores paquetes do Lloyd, O Iris, que lá estive entre o Rio e Vitória num arrastar-se que as nossas carroças não invejariam.”²³ A revista encerra lembrando que “fique a lição, bem sincera e comprovadora do caso que se liga, na CBD, aos Estados do Norte.”

À guisa de conclusão

Observando a presença do esporte baiano nas festas do Centenário, neste texto discutida desde os seus antecedentes até o torneio propriamente dito, é possível entender que o Torneio do Centenário se apresentou como uma possibilidade para a Bahia repensar e reivindicar a sua inserção no processo de construção de uma identidade nacional oportunizada pelo gradativo envolvimento do futebol na formação da identidade brasileira. Já na década de 1920, o futebol fomentava identidades mais

²² Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 71, 12 de agosto de 1922, p. 11.

²³ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 73, 26 de agosto de 1922, p. 19.

amplas não necessária e exclusivamente ligadas à uma classe ou a um grupo. O envolvimento dos esportes, sobretudo o futebol, nas festas do Centenário é um indício de como a prática possibilitava para o país a reflexão sobre uma identidade nacional. Ademais, o esporte, dentro de um contexto em que o seu desenvolvimento fomentava o progresso físico e social da Nação, a sua prática era fundamental para um país que em eventos como a Semana de Arte Moderna ou o I Centenário da República resolvia repensar a sua relação com a modernidade. No andamento destes processos, a postura da imprensa baiana em exigir da sua Liga a participação no torneio a qualquer custo e vibrar efusivamente com o sucesso mesmo este sendo um empate contra os cariocas revelam como a Bahia estava a par deste contexto buscando um espaço legítimo nele.

Por outro lado, a tentativa de inserção da Bahia na construção de uma identidade nacional através do esporte encontrava um forte empecilho na política esportiva da CBD. Planejando o Torneio do Centenário de modo que prejudicasse a participação dos Estados do Norte, a entidade máxima dos esportes brasileiros matinha uma política explicitamente bairrista privilegiando os Estados do Sul, especialmente Rio e São Paulo.

Uma política esportiva exclusivamente voltada para o Sul que também era sentida no que se refere à organização da seleção brasileira. De acordo com a *Semana Esportiva*, em julho de 1922, a CBD ainda não havia organizado a seleção brasileira que disputaria os jogos internacionais em virtude dos festejos do Centenário. Diante da costumeira e despropositada desorganização da Confederação, a revista já previa que “na hora do aperto, os diretores da CBD irão ao grande celeiro da Paulicéia buscar os componentes da nossa representação, para evitar um vergonhoso fracasso das nossas instituições de desportes.”²⁴ Com isso, os outros Estados ficavam impossibilitados de fornecerem jogadores para o selecionado brasileiro, o que era um direito deles. Afinal, para a *Semana Esportiva*, “o Paraná, o Pará, Pernambuco, o Rio Grande e a Bahia têm direito indiscutível de fazerem parte da delegação brasileira, porque o Brasil não significa São Paulo ou a capital da República!!...” Neste episódio a vontade, não só da Bahia como a de outros Estados, de participar e contribuir para o progresso do país fornecendo-lhe jogadores para o seu selecionado novamente esbarrava no bairrismo da CBD.

²⁴ Revista *Semana Esportiva*, Salvador, Nº 64, 24 de junho de 1922, p. 11.

Enfim, diante do comportamento da CBD podemos indagar o quanto nacional a Confederação pretendia ser no que tange a sua política esportiva. No final, as comemorações do I Centenário da República serviram como um pano de fundo da tensão estabelecida entre a Bahia e os Estados do Norte e a CBD. De um lado os Estados em busca de uma legitimidade na construção de uma identidade nacional a partir de esporte e de outro a política regional da Confederação. Ao que parece, no momento em que o Brasil festejava e refletia sobre sua condição de Nação, o esporte surgia como uma possibilidade conagração. O problema é que as tensões regionais insistiam em permanecer e se ressignificar na formação da identidade brasileira.

Referências

LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. *A Rainha Destronada: discursos das elites sobre as grandezas e os infortúnios da Bahia nas primeiras décadas republicanas*. São Paulo, 2005. Tese (Doutorado em História) - PUC-SP, 2005.

MOTTA, Marly Silva da. *A Nação faz 100 anos: questão nacional no Centenário da Independência*. Rio de Janeiro, Ed. da Fund. Getúlio Vargas-CPDOC, 1992.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo, Brasiliense, 1990.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

SANDES, Noé Freire. *A invenção da Nação: entre a monarquia e a república*. Goiânia, UFG, 2000.

SANTOS, Henrique Sena dos. *Como uma caixinha de surpresas: os primeiros anos do futebol em Salvador, 1901 – 1912*. Feira de Santana, 2010. Monografia (Graduação em História) UEFS, 2010.

SANTOS, Henrique Sena dos. *Notas sobre a popularização do futebol em Salvador, 1905 – 1912*. In: *Esporte e Sociedade*, nº 16, UFF, 2011.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo: sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.